

DUARTE PACHECO PEREIRA

Em Abril de 1503, Duarte Pacheco segue para a Índia com Afonso de Albuquerque, a quem D. Manuel encarregara de construir em Cochim o primeiro forte português no Oriente. A chegada dos portugueses é providencial para o seu aliado, rajá de Cochim, que está prestes a ser derrotado pelo Samorim de Calicute. Duarte Pacheco intervém, derrotando o Samorim sete vezes sucessivas. Quando Albuquerque regressa a Portugal, Duarte Pacheco Pereira permanece em Cochim, a pedido do rajá. Dispõe de 150 homens, uma nau e duas caravelas.

Duarte Pacheco, na sua missão de capitão-mór do mar, percorre a costa. Certa manhã, em Cananor, é atacado por vinte navios do Samorim.

O vento está de feição! Vamos levantar ferro e passar-lhes pelo meio, disparando de ambos os bordos.



E assim consegue escapar, desbaratando o inimigo.

Mais tarde, no palácio do Samorim...

Alteza, o capitão português queixava-se de ter sido atacado...

Esse infiel desbarata a minha esquadra e ainda se queixa?! Matem todos os portugueses residentes em Calicute!!



Por ordem de Duarte Pacheco, Pero Rafael, a coberto de uma noite tempestuosa, entra no porto de Calicute e recolhe os portugueses. O Samorim fica furioso...

É demais! Esses portugueses precisam de uma lição! Atacarei Cochim!



O rajá de Cochim, receoso...

O Samorim tem mais de 100.000 homens e 200 navios. É loucura tentar resistir! Render-me-ei e vós procurareis refúgio na costa da Arábia...

Nunca! Os portugueses não fogem, nem abandonam os seus aliados! Hei-de derrotar e prender o Samorim!



Em meados de Março de 1504, o grande exército do Samorim ataca pelo vau de Cambalão mas...

Fogem! Não conseguem resistir à nossa artilharia!



Após sucessivas derrotas, o Samorim...

Esse homem é um demónio! Está em todo o lado ao mesmo tempo! Sem ele os meus inimigos estariam perdidos! Vou procurar afastá-lo da luta!



O Samorim simula atacar uma caravela que defende Cochim... Duarte Pacheco acorre...



...mas, apercebendo-se do logro, regressa a tempo de impedir a derrota das suas forças.

Avante, por Portugal! Expulsemos estes traidores!



No segundo vau, porém, os soldados de Cochim fogem ante as tropas do Samorim. Devido à fumaçada da artilharia, os portugueses só se apercebem da fuga dos seus aliados ao chegarem à luta corpo-a-corpo com o inimigo. Estão quase a ceder perante os numerosos atacantes, quando as vagas anunciam que val deixar de haver pé no vau. Numa última arrancada, conseguem repelir o inimigo.



Vendo que não obtém pelas armas, a vitória sobre os portugueses, o Samorim manda envenenar as águas do rio, vender-lhes géneros envenenados e incendiar Cochim. Tudo em vão.



Com as chuvas de Maio, interrompem-se as hostilidades. Em Julho faz-se a paz. Mas o Samorim volta a atacar.

O Samorim não respeitou a paz. Temos de alcançar uma vitória definitiva!



Os brulotes (embarcações com matéria explosiva destinadas a provocar incêndios) desfazem-se contra uma jangada blindada, posta no local pelos portugueses.



As torres do Samorim, máquinas de guerra que arremessam setas e pelouros em grande quantidade, são destruídas pelo fogo certo dos artilheiros portugueses.



Completamente derrotado e perdida toda a sua autoridade, o Samorim retira-se para um mosteiro brahmânico.



Durante meses, um punhado de portugueses, em terra estranha e defrontando um inimigo muitas vezes superior, inflige-lhe pesada derrota. Duarte Pacheco assume aos olhos dos orientais as proporções de um herói gigantesco, ao serviço do rei de uma poderosa nação, protegida por um Deus omnipotente.

